

Portimão
Cidade Centenária
1924 - 2024



Histórias que o Rio nos Traz

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO

Museu de Portimão



Portimão
Câmara Municipal

Ficha Técnica

Exposição

Organização e Produção:

Câmara Municipal de Portimão
Museu de Portimão

Coordenação Geral

Dora Pereira (CMP)
Isabel Soares (Museu de Portimão/DMP – CMP)
José Gameiro (Museu de Portimão – CMP)

Comissariado-geral

Vera Teixeira de Freitas (Museu de Portimão/DMP – CMP;
UNIARQ – FL, Univ. Lisboa)
Isabel Soares
José Gameiro

Comissão Executiva

Vera Teixeira de Freitas
Isabel Soares
António Pereira (Museu de Portimão/DMP – CMP)

Comissão Científica

André Teixeira (Departamento de História, CHAM – FCSH,
Univ. NOVA de Lisboa)
Carlos Pereira (Univ. Complutense de Madrid)
Cristóvão Fonseca (CNANS – Património Cultural, I.P.;
CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa)
Frederico Tatá Regala (CCDR Algarve, I.P.)
Isabel Soares
Pedro Barros (UNIARQ – FL, Univ. Lisboa)
Rui Parreira (GAMP)
Vera Teixeira de Freitas

Membros da Associação Projeto IPSIIS

António Costa
António Duarte
Bruno Engeitado
Caetano Rogério
Dieter Hoehlne
Edgar Rosário
Emanuel Soares
Eurico Cardoso
Fausto Mangas
Fernanda Neves
Frank Reinhardt
Helmut Kerstin
Jorge Vicente
José Costa
José de Sousa
Luís Fernandes
Manuel André
Manuel Martins
Nuno Alves
Paula Sousa
Paulo Gramacho
Paulo Viegas
Peter Geipel

Rafael Pral
Rui Franco
Sherry Hughes
Vidaul Martins

Apoio Museográfico e Técnico

Ana Alexandre
António Maurício
António Pereira
Gisela Gameiro
Hugo Brito
Paula Sousa
Rui Nicolau
Vasco Diniz

Comunicação

Andreia Poucochinho

Conservação e Restauro

Andreia Romão
Paula Sousa
Vitor Novais

Inventário

Ana Alexandre
Lurdes Pacheco
Paula Sousa
Vera Teixeira de Freitas

Museografia

Atelier de design João Borges

Ilustrações

Spiceship Studios
Direção de Arte: Pedro Mota Teixeira
Ilustração: Pedro Mota Teixeira e Sara Bairinhas
Estagiária: Júlia Leite

Vídeo

Spiceship studios
Direção de Arte: Pedro Mota Teixeira
Ilustração: Pedro Mota Teixeira e Sara Bairinhas
Estagiária: Júlia Leite
Animação: Pedro Mota Teixeira, António Ferreira e André Branco

Créditos Fotográficos

Centro de Documentação e Arquivo Histórico do Museu de Portimão
Filipe Palma (DICM- CMP)
Bruno Fonseca

Créditos Audiovisuais

Jornal Público
Jornal Sul Informação

Tradução

Isabel Maria Veloso dos Reis

Catálogo

Editor científico

Vera Teixeira de Freitas

Coordenação da edição

Dora Pereira

Isabel Soares

José Gameiro

Vera Teixeira de Freitas

Entidade editora

Câmara Municipal de Portimão – Museu de Portimão/DMP

Autores

Alberto Canto (Univ. Autónoma de Madrid)

Alicia Arévalo González (Facultad de Filosofía y Letras, Univ. Cádiz)

Ana Costa (LARC – Património Cultural, I.P.)

André Teixeira (Departamento de História, CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa)

António Costa Canas (Escola Naval da Marinha)

Carlos Fabião (UNIARQ – FL, Univ. Lisboa)

Carlos Pereira (Univ. Complutense de Madrid)

Cristóvão Fonseca (CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa)

Elena Moreno Pulido (Facultad de Filosofía y Letras, Univ. Cádiz)

Gonçalo C. Lopes (CEAACP, Universidade do Algarve; CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa)

Isabel Soares (Museu de Portimão/DMP – CMP)

Joana Bento Torres (CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa)

José Bettencourt (CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa)

José Sousa (Associação Projecto IPSIIS)

Lurdes Pacheco (Museu de Portimão/DMP – CMP)

Maria da Conceição Freitas (IDL – FC, Univ. Lisboa)

Mário Jorge Barroca (CITCEM, FL, Univ. do Porto)

Patricia Ramos (Museu de Portimão/DMP – CMP)

Pedro Barros (UNIARQ – FL, Univ. Lisboa)

Rodrigo Banha da Silva (CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa)

Rui Parreira (GAMP)

Tiago Gil Curado (CHAM – FCSH, Univ. NOVA de Lisboa)

Vera Teixeira de Freitas (Museu de Portimão/DMP – CMP;

UNIARQ – FL, Univ. Lisboa)

Fichas de catálogo

Joana Bento Torres – peças C425, C426, Y826 (*Navegação e construção naval*).

Carlos Pereira – peça Y738 (*Memorias sagradas do rio*).

Comissariado científico – peças restantes, exceto os conjuntos de peças integrados nos artigos de autor.

Fotografias

Museus e Monumentos de Portugal – Arquivo de Documentação

Fotográfica/FS

Coordenação: Alexandra Encarnação

Fotógrafo: José Paulo Ruas,

Inventariação: Tânia Olim

Revisão de texto

Vera Teixeira de Freitas

Ilustrações

Spiceship Studios

Direção de Arte: Pedro Mota Teixeira

Ilustração: Pedro Mota Teixeira e Sara Bairinhas

Estagiária: Júlia Leite

Agradecimentos

Ana Sofia Antunes (UNIARQ – FL, Univ. Lisboa)

Bruno Fonseca

Filipe Palma (DICM – CMP)

Jornal Público

Design gráfico

Sersilito – Empresa Gráfica Lda.

Impressão e acabamento

Sersilito – Empresa Gráfica Lda.

Tiragem

500 exemplares

ISBN

978-989-8376-08-4

Depósito legal

536802/24

Ficha de catálogo:

N.º inventário

Designação

Material

Local de cunhagem*

Cronologia

Dimensões (cm, gr)

Eixo*

Local do achado

Achador

Anv. /Ver.*

Descrição/Enquadramento

Bibliografia

* no caso de se tratar de numismas

Índice

11 Prefácio

13 Contar as “Histórias que o rio nos traz” José Gameiro

De objetos perdidos a peças que nos contam histórias

21 O rio Arade como repositório de Património Cultural Arqueológico Marítimo e Subaquático Pedro Barros, Cristóvão Fonseca

27 A história recente do rio Arade – uma história com 12000 anos Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas

31 De IPSIIS a DETDA – Prospeção com detetores de metais nos depósitos de dragados do rio Arade e da ria de Alvor Vera Teixeira de Freitas, Isabel Soares, José de Sousa

37 Detectores de metais e Arqueologia, uma relação difícil Carlos Fabião

Navegação e construção naval

41 Navegar, fundear e naufragar no rio Arade Cristóvão Fonseca, José Bettencourt, Gonçalo C. Lopes

55 Instrumentos e técnicas de navegação António Costa Canas

Um porto aberto ao mundo

67 Portimão – Um porto aberto ao mundo André Teixeira, Joana Bento Torres

77 O comércio e a fiscalidade dos panos em Portimão: os selos de chumbo Rodrigo Banha da Silva, José de Sousa

89 Portimão – Duas Matrizes Sigilares Mário Jorge Barroca

93 Las monedas islámicas del río Arade Alberto J. Canto García

99 Una muestra de monedas antiguas recuperadas en los depósitos de dragados del río Arade. Testimonio del tránsito de personas y mercancías Elena Moreno-Pulido, Alicia Arévalo-González

123 Etiquetas de chumbo do rio Arade: Evidências da atividade comercial em época romana Vera Teixeira de Freitas, Carlos Fabião

137 Comércio portuário em época romana

Carlos Pereira

141 Entre o início do 3.º e o final do 2.º milénio a.n.e.: Intercâmbio portuário no Calcolítico e na Idade do Bronze

Rui Parreira

Defender e vigiar o porto**147 Guerra e fortificação na foz do Arade nas épocas medieval e moderna**

André Teixeira, Joana Bento Torres, Cristóvão Fonseca

161 Os projéteis de artilharia da época moderna

Gonçalo C. Lopes

165 Defesa litoral na Antiguidade

Carlos Pereira

Vida quotidiana nas zonas ribeirinhas**169 A vida quotidiana em Portimão nos séculos XV-XVIII**

Joana Bento Torres, André Teixeira

181 Portimão: uma cidade portuária e ribeirinha na época romana

Carlos Pereira

191 Ferramentas Calcolíticas/Idade do Bronze

Rui Parreira

Memórias sagradas do rio**195 A procissão de Santa Catarina e as faces do sagrado no rio Arade**

Ana Ramos, Lurdes Pacheco

209 Elementos do sagrado da época romana

Carlos Pereira

217 Memórias sagradas na Idade do Ferro

Vera Teixeira de Freitas

221 Memórias sagradas na Idade do Bronze Final

Rui Parreira

Vida quotidiana nas zonas ribeirinhas



Portimão: uma cidade portuária e ribeirinha na época romana

Carlos Pereira¹

1. Introdução

O quotidiano na época romana era bastante diversificado e variava consoante o estatuto e a condição social. A sociedade romana estava constituída por indivíduos privilegiados (Saavedra-Guerrero, 2000), que gozavam de uma vida destacada e de propriedades, mas também por aqueles que dependiam das famílias mais ricas (Gellner, 1986). Era, portanto, uma sociedade baseada na desigualdade. Tal como na atualidade, também na Antiguidade existiam bairros e zonas concretas onde se concentravam determinados grupos sociais. As zonas ribeirinhas e portuárias das grandes cidades, onde proliferavam atividades de transação e gentes forâneas, eram consideradas áreas menos próprias para o quotidiano dos cidadãos romanos privilegiados.

Estas zonas não assistiram apenas a atividades relacionadas com o comércio ou o armazenamento de produtos. Seguramente que nos portos e áreas envolventes se desenvolveram outras atividades (Peña Olivas, 2017): como a construção de embarcações; a pesca e o processamento de peixe; a exploração de recursos hídricos; a produção agrária, entre outros. Os benefícios ribeirinhos e estuarinos foram essenciais para o desenvolvimento destas atividades, tendo desempenhado um papel multifacetado na sociedade romana, situação que se contradiu com a imagem de insegurança que frequentemente nos transmitem as fontes literárias.

A pesca e processamento de peixe foram seguramente atividades frequentes nas zonas portuárias, mas sobretudo nas imediações. Foi certamente uma ocupação relevante para as sociedades costeiras, quer como meio de subsistência quer como atividade económica. Por isso, as técnicas utilizadas deveriam ser variadas, desde a pesca com cana até à pesca em embarcações (Moreno Paramo e Abad Casal, 1971; Garcia Vargas, 2006). Neste sentido, não podemos esquecer a comercialização de peixe, que deveria ser uma atividade que se iniciava junto à costa.

Prova daquelas atividades são os abundantes anzóis, pesos ou as agulhas de rede que encontramos com frequência nos sítios litorais. Estes instrumentos eram utilizados na captura de peixe, alguns para a pesca com cana e linha, outros para a captura massiva, e demonstram que o conhecimento destas técnicas estava, na época romana, bem-adaptado às necessidades. Com efeito, estes instrumentos mantiveram-se praticamente inalterados durante muito tempo, motivo pelo qual, quando descontextualizados, não é possível atribuir-lhes cronologias concretas.

Era frequente que estes elementos se soltassem das redes ou da linha, se perdessem nas margens e no leito do rio e aí

permaneceram ao longo de muito tempo até que foram resgatados. Recuperar estes testemunhos do passado permite-nos compreender melhor as atividades que se exerceram nas margens do Arade, mas também conhecer aqueles que frequentaram as margens do rio.

Outros artefactos terão sido engolidos pelas águas do rio de formas que não podemos saber, apenas deixar à imaginação. Esse é justamente o caso de vários elementos de indumentária e de uso pessoal que, tal como acontece com frequência, se quebraram, caíram ou simplesmente extraviaram. Esse pode ser o caso das fíbula, anéis, brincos ou alfinetes de cabelo. Embora alguns pudessem ser utilizados por ambos géneros, os alfinetes de cabelo e os brincos terão sido utilizados por mulheres (França, 1969: 44; Ponte, 1978).

Na sociedade romana, a forma de vestir e a aparência estavam relacionados com o estatuto social, económico e legal. Esse era também o caso das mulheres, que podiam desempenhar funções mais ou menos destacadas na família e na comunidade. As obrigações matrimoniais e familiares eram prioritárias, mas podiam também assumir papéis ativos na gestão do património e na religião (Medina Quintana, 2012; Bailón García, 2012). Ao invés, as mulheres de estatuto social mais baixo eram muitas vezes obrigadas a trabalhar como escravas (Rubiera Cancelas, 2015).

A vida de uma mulher na sociedade romana estava centrada na família, na casa e na religião. Devia dedicar-se à educação e cuidado dos filhos e podia exercer as suas funções com liberdade e no nome do marido dentro do âmbito familiar. Somente em casos de viuvez é que as mulheres romanas podiam assumir os assuntos externos dos maridos, excluindo a política.

O modelo de comportamento ideal da mulher na época romana devia ser virtuoso, casto e pio. Dentro desta imagem a indumentária e a aparência assumiam uma grande relevância. Era recomendado que utilizasse roupas modestas, mas que manifestasse a importância social da família. Na época alto-imperial generalizou-se uma aparência cada vez mais luxuosa da aristocracia, passando a utilizar maquilhagem, adornos corporais nobres e penteados elaborados (Fig. 1).

A situação da mulher plebeia, contudo, era bem distinta. O acesso à educação era muito limitado e quando alcançava a idade adulta contraía matrimónio ou convertia-se em concubina de algum aristocrata ou cidadão romano com poder. Geralmente trabalhavam para ajudar na economia da casa ou nos negócios dos maridos, podendo trabalhar também como serventes. Por viverem em condições difíceis e precárias, a maternidade representava um elevado risco.

Embora possamos pensar que a diversidade da sociedade romana originava grupos socialmente distintos com vivências

¹ Universidad Complutense de Madrid
carlossp@ucom.es / ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-4116-3602>



Fig. 1 – Fresco da Vila dos Mistérios, em Pompeia, onde se pode observar a preparação do penteado de uma mulher romana (Foto C00000270, retirada de <https://open.pompeisites.org/#>).

diferenciadas, isso está longe da realidade. A elite convivia diariamente com escravos ou libertos manumitidos. Estes grupos deveriam ser maioritários, juntamente com o dos plebeus, e desempenharam funções muito variadas, desde trabalho agrário, nas minas, na construção e na produção. No entanto, sabemos que muitos escravos também desempenharam funções mais destacadas, como escrivas, médicos, gestores, sendo também frequentes os escravos pessoais de patrícios e matronas romanas.

A escravidão na época romana era uma instituição generalizada e representou a base da sociedade e da economia (García Mac Gaw, 2010). Os escravos podiam ser prisioneiros de guerra ou inclusive cidadãos que, por castigo ou por dívida, se entregavam voluntariamente como servos. Eram propriedade dos seus *domini* e perdiam qualquer direito legal, o que significa que o tratamento a que estavam sujeitos dependia dos seus proprietários.

As matronas romanas conviviam diariamente com escravos e escravas. Em âmbito doméstico era necessária mão-de-obra que garantisse o bom funcionamento da *domus* e dependia da *mater familia* garantir que tudo estava bem articulado. As tarefas domésticas eram ordenadas pela matrona, mas podiam ser

supervisionadas por um escravo ou escrava da sua confiança. Os escravos pessoais eram indivíduos que tinham ganhado a confiança dos seus proprietários e aqueles que lidavam de forma mais próxima com eles, auxiliando na gestão da casa, da economia doméstica e na aparência dos seus donos.

2. Evidências de quotidianidade de época romana na foz do Arade: a coleção de artefactos de época romana

O conjunto de artefactos que correspondem a evidências mais ou menos diretas de atividades do quotidiano, relações ou estatuto social está constituído por um total de 27 peças. Destas, a maioria integra as categorias dos elementos de indumentária (quatro peças), adornos pessoais (oito peças), toilete (três peças), baixela metálica (oito peças), medicina/farmácia ou cosmética (uma peça), pesos e medidas (uma peça), sistemas de segurança (uma peça) ou instrumental doméstico diverso (uma peça) nem sempre passível de se classificar de forma ajustada. Seguidamente comentamos alguns dos artefactos mais relevantes do conjunto, o que se justifica pela sua importância enquanto elementos definidores da sociedade romana e do seu dia-a-dia.

Os elementos de indumentária e os adornos pessoais são artefactos que permitem ter uma ideia ajustada da sociedade da época romana. Como já se comentou, são marcadores visuais que definem a própria estrutura social e o seu quotidiano, oferecendo um panorama bastante aproximado sobre as práticas sociais, económicas e também culturais. Porém, deve ter-se em conta que a utilização de elementos de indumentária, como as fíbulas (K445 do catálogo) ou as fivelas (K450 do catálogo), ou adornos pessoais, como é o caso dos anéis, brincos ou alfinetes de cabelo (K434 e K464 do catálogo) que se podem ver neste catálogo, era extensível sobretudo à oligarquia e cidadãos livres destacados. Aos membros mais desfavorecidos da sociedade romana, como é o caso dos escravos, não era permitido o uso destes elementos, sobretudo os de metais nobres.

Apesar do que se comentou, deve ter-se em conta que estes artefactos estavam associados a um vestuário concreto ou, no caso das mulheres, a penteados elaborados (Mariné, 1983). Conquanto as túnicas e as togas fossem vestes simples, eram acompanhadas por fíbulas e cinturões que auxiliavam a sua utilização. Tanto uns como outros eram indicativos claros do estatuto e função do seu portador na sociedade. As túnicas podiam ser usadas por todos, mas variavam em material (Rodríguez Peinado, 2018) e estilo (Nogales Basarrate, 2017) conforme o estatuto social. As togas estavam reservadas para cidadãos romanos do sexo masculino (Goette, 2013),

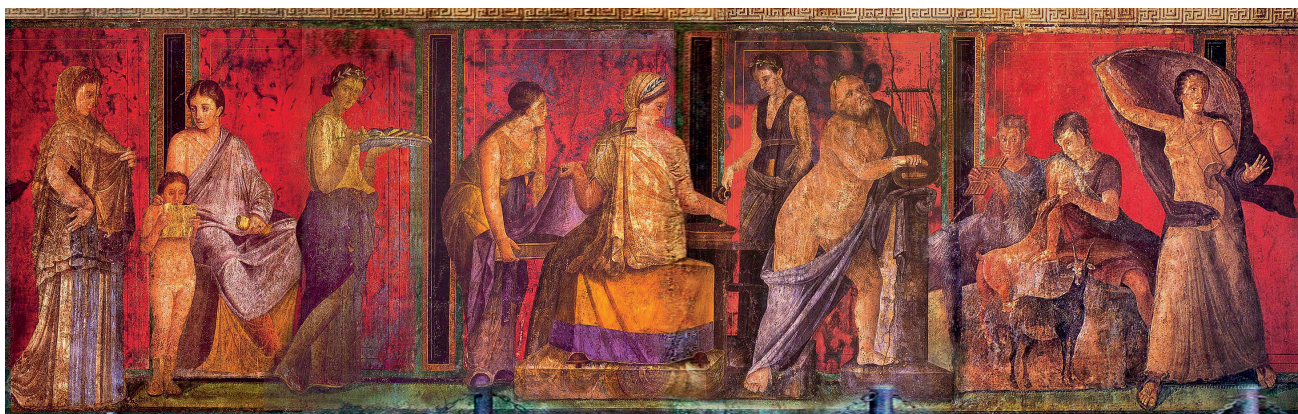


Fig. 2 – Fresco da Vila dos Mistérios de Pompeia, no qual se podem observar distintos tipos de vestidos utilizados pelas mulheres romanas.

enquanto as mulheres romanas usavam a *stola*, uma longa vestimenta sobre uma túnica, frequentemente acompanhada por uma *palla*, uma espécie de manto (Fig. 2). Ainda assim, deve mencionar-se que a toga podia ser pura ou em tons diversos, cada um representando um estatuto ou função destacada na sociedade. Como exemplo, a *toga praetexta*, que tinha uma orla púrpura, estava destinada apenas a infantes, senadores ou altos magistrados (Sebesta, 2005; Nogales Basarrate, 2017: 59 e 66).

Dos adornos pessoais, os anéis eram bastante populares na sociedade romana e foram utilizados pelos homens, pelas mulheres (Pereira, 2018: 242), mas também por infantes. Eram essencialmente símbolos esteticamente apelativos de estatuto e identidade, mas cumpriam igualmente funções mais pragmáticas. Por este motivo, podemos encontrar diversos tipos de anéis, sendo exemplo os anéis de sinete, de ametista, de ouro ou prata, de vidro, de ferro e também de bronze. Os anéis de ouro (K435 do catálogo) ou de prata (K440 do catálogo) eram bastante utilizados por cidadãos ricos. Estes metais nobres eram símbolo de estatuto (Becatti, 1955; França, 1969), sobretudo o ouro, ganhando formas muito elaboradas e frequentemente com pedras semipreciosas incrustadas ou decorados com inscrições.

Os anéis podem ter adquirido formas menos frequentes, mas que lhes auferia uma função mais prática. Esse é justamente o caso dos anéis-chave (K439 do catálogo), frequentes nos primeiros séculos após a viragem da Era, e que correspondiam aos elementos de segura mais pessoais da época (Fernández Ibáñez, 2007; Pereira, 2018: 238). A sua aplicação podia ser diversa, desde pequenas caixas a aloquetes de vários tipos que garantiam a privacidade de bens pessoais ou documentos privados. Evidência da presença de aloquetes é a existência de um painel frontal lobulado (Y835 do catálogo), que conserva o orifício de inserção da chave e os de fixação aos restantes elementos do cadeado. Igualmente frequentes eram os anéis que serviam como amuletos ou eram símbolos de afeto e lembrança. Aqueles ofereciam proteção ou atraíam boa sorte ao portador, e estes eram oferecidos como presentes ou como compromisso de união.

A higiene pessoal e o cuidado com a aparência eram aspetos importantes na vida cotidiana na época romana. Também este conjunto é evidência destas práticas na sociedade romana que habitou na atual cidade de Portimão, que novamente destaca o cuidado que os cidadãos tinham com o corpo. Para tal faziam uso de vários utensílios que lhes permitiam aplicar unguentos, perfumes ou cosméticos. Pentas, pinças, espátulas, colheres (F863 do catálogo) ou espelhos (Y855 do catálogo) são alguns dos elementos que auxiliavam o cuidado do corpo. Os espelhos portáteis eram também de uso pessoal, sobretudo utilizados pelas mulheres, feitos de bronze polido ou prata (França, 1971), e refletiam a imagem com bastante clareza. Assumiam com frequência formas circulares, de evidente tradição etrusca (Walters, 1899), mas também se conhecem espelhos quadrangulares ou retangulares de maior dimensão, que se assume serem fixos ou aplicados em suportes (Pereira, 2018: 248).

Igualmente abundantes são os recipientes metálicos presentes neste conjunto. Ainda que sejam igualmente evidência do poder aquisitivo dos proprietários (Eric Lacabe, 2007), contrariamente aos anteriores artefactos, estes delatam atividades mais mundanas do quotidiano na época romana (Fig. 3). Utilizados em variados contextos, desde o doméstico ao ritual, eram com frequência muito elaborados, mas sem desvirtuar a sua importância funcional. Estes recipientes tinham a vantagem de ser mais resistentes e a possibilidade de ser reparados ou reciclados.



Fig. 3 – Área de serviço/cozinha da Casa dos Vettii de Pompeia (Foto D00095131, retirada de <https://open.pompeisites.org/#>).

Conquanto seja frequente a descoberta de contentores que assumiam funções menos destacadas no quotidiano, como é o caso dos caldeirões utilizados para o transporte de líquidos ou de serviços utilizados na cozinha, eram frequentes os recipientes utilizados à mesa para consumo de alimentos ou para armazenar e servir líquidos (Y780 do catálogo), como o vinho. No entanto, outros recipientes, como as bacias (Y737 do catálogo), podiam ser utilizados tanto na cozinha, para preparar ou servir alimentos, como para a higiene pessoal, concretamente para abluções. Ainda assim não se deve excluir um uso em contextos religiosos, quer para realizar libações quer para rituais purificadores.

Infelizmente, na maior parte dos casos, apenas nos chega parte destes contentores, sendo o caso das asas de jarros (Y780 do catálogo), das armelas (Y857 do catálogo) ou dos pés de síntulas (Y769 e Y810 do catálogo). Todos estes elementos assumem funções concretas e mantêm a integridade do recipiente. As armelas permitem a articulação das asas, as asas o seu transporte ou manuseamento e os pés de caldeiros ou base de bacias evitam o desgaste do fundo. Em alguns casos, além de uma função eminente, estes pés adquirem formas elaboradas que dão uma aparência estética apelativa aos recipientes. Esse é justamente o caso dos pés em forma de concha que frequentemente eram aplicados a sertãs, concretamente de tipo Aylesford (Feugère, 1981: 163; 2009: 147; Bel, Barberan e Chardenon, 2010: 331; Pereira, 2018: 341) (Y777 do catálogo) e que se apresentam desgastados na área que mantinha contacto com o solo.

As agulhas são artefactos que se relacionam com atividades úteis têxteis (Ponte, 1978: 138-140; Dias *et al.*, 2022: 320-321), que podem ser de âmbito doméstico ou económico, e que desempenhavam um papel fundamental em várias atividades quotidianas, incluindo a costura, a tecelagem ou a medicina. As mais finas estariam destinadas a texturas ligeiras, enquanto as mais grossas serviriam para tecidos mais compactos (Franco Arias, 1985: 523). Eram elementos de presença frequentes nas casas romanas e é comum a existência de agulhas com mais que um olhal, seguramente destinadas à combinação de linhas com diferentes espessuras ou cores (Mezquiriz Irujo, 2009: 163).

3. As conclusões possíveis

Não é fácil construir uma imagem do quotidiano romano de Portimão a partir de fragmentos materiais diversos e desconcontextualizados, como é o caso. Se a isso somarmos o facto de

que estamos perante uma sociedade sofisticada, complexa e estratificada, construir uma visão abrangente sobre este tema dificulta ainda mais o trabalho do arqueólogo.

Como vimos, o conjunto que se apresenta integra elementos de diversa natureza que expõem de uma forma muito ténue o quotidiano dos cidadãos, a maioria relacionada com a aparência. Apesar disso, outros delatam atividades relacionadas com a higiene e o cuidado do corpo, com o dia-a-dia doméstico ou com agências relacionadas com transações económico/comerciais.

Através destes artefactos podemos mencionar que essencialmente se destacam da sociedade romana de Portimão alguns ofícios e membros da sociedade concretos. Embora neste capítulo não se tenha abordado com detalhe os elementos relacionados com a pesca, no primeiro caso destacam claramente as peças destinadas à captura de peixe, sempre abundantes nas cidades litorais. Com efeito, a localização desta cidade favoreceu a existência de indivíduos dedicados à pesca, tanto de subsistência como para processamento em grandes fábricas de preparados de peixe (como as que se descobriram no Edifício Mabor de Portimão). Prova disso é a presença de consideráveis quantidades de anzóis, agulhas de rede, chumbadas ou pesos de rede, não sendo rara a descoberta de pontas de canas de pesca.

A maioria dos artefactos, porém, é relacionável com determinados membros da sociedade romana que habitou em Portimão, destacando-se claramente os membros privilegiados e, destes, as mulheres. A maioria dos elementos de uso pessoal, de indumentária, de cosmética e de toilette, ainda que muito esbatida, dão-nos uma imagem aproximada da mulher. Como vimos, muitos destes elementos não eram acessíveis a todos os cidadãos. Menos representado está o género oposto, mas que ainda assim podemos adivinhar através de alguns anéis ou fíbulas.

Se não é fácil descrever o quotidiano dos cidadãos romanos de Portimão através de artefactos que se conservam com relativa facilidade e que eram acessíveis aos membros privilegiados, mais complicado é falar sobre aqueles que não tinham voz nem podiam perpetuar a sua existência. A opulência visual da oligarquia contrastava com a austeridade dos seus serventes, tanto escravos como libertos. Usavam vestes simples e de materiais baratos e quando portavam algum adorno corporal (geralmente de materiais perecíveis) tinham como função identificar a propriedade. Estas condições de escravos, indigentes e membros desfavorecidos da sociedade romana fazem com que seja muito difícil reconstruir o quotidiano de grande parte da população. Isto não significa que a hierarquia da sociedade fosse completamente rígida, pois conhecemos casos de escravos manumitidos que alcançaram um estatuto e influencia consideráveis.

Bibliografía

- Alarcão, J. de (1974) – “Fechaduras e cadeados romanos de Conímbriga”. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- Allison, P. M. (2006) – *The Insula of the Menander at Pompeii, vol. III. The finds, a contextual study*. Oxford: Univesity Press.
- Almeida, D. F. de (1962) – “Arte Visigótica em Portugal”. *O Arqueólogo Português*. Nova Série, vol. 4, Lisboa: Museu Etnográfico Português, 5-278.
- Arezes, A. (2014) – *Ocupação “Germânica” na Alta Idade Média em Portugal: as necrópoles dos séculos V a VIII*. Dissertação de doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Aurrecoechea Fernández, J. (2009) – *Vajilla metálica de época romana en la región central de Hispania (actuales CC.AA. de Madrid y Castilla-La Mancha)*. Sautuola, XV. Santander: Instituto de Prehistoria y Arqueología “Sautuola”, 327-348.
- Bailón García, M. (2012) – “El papel social y religioso de la mujer romana. *Fortvna Mvliebris* como forma de integración en los cultos oficiales”. *Habis*, 43: 101-118.
- Becatti, G. (1955) – *Oreficerie antiche. Dalla Minoiche alle Barbariche*. Roma: Ist. Poligrafico dello Stato.
- Bel, V., Barberan, S., Chardenon, N. (2010) – “L’enclos funéraire de La Céreirède à Lattes (Hérault): un ensemble aristocratique de la fin du Ile et du Ier s. av. J.-C.”. In Barral, Ph.; Dedet, B.; Delrieu, F.; Giraud, P.; Le Goff, I.; St. Marion; Villard-Le Tiec, A. (Dirs.) – *L’Âge du Fer en Basse-Normandie. Gestes funéraires en Gaule au Second Age du Fer*. Annales Littéraires 883. Besançon, Presses universitaires: 327-333.
- Birley, A. (1997) – *Security: The Keys and Locks. Vindolanda Research Reports IV. The Small Finds*. Greenhead: Roman Army Museum Publications.
- Boube, Ch. (1991) – “Les cruches”. In Feugère, M.; Rolley, Cl. (Eds.) *La Vaiselle Tardo-Républicaine en Bronze (1990, Lattes)*. Centre de recherches sur les Techniques Gréco-Romaines 13. Dijon: Université de Bourgogne, 23-45.
- Chavez Tristan, F., Pliego Vasquez, R. (2007) – “Instrumentos de medida de pesos en la Hispania antigua”. *Sautuola*, XIII: 237-250.
- Delgado, M. (1970) – “Elementos de sítulas de bronze de Conimbriga”. *Conimbriga*, IX. Coimbra: Universidade de Coimbra, 15-45.
- Dias, I., Pereira, C., Sousa, E., Arruda, A. M. (2022) – “Aspectos cotidianos romanos en el Algarve. Los artefactos de hueso de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. *Vínculos de Historia*, 11: 311-338.
- Eggers, H. J. (1951) – *Der romische Import in freiern Germanien. Atlas der Urgeschichte Bd. 1*. Hamburg: Hamburgisches Museum für Völkerkunde und Vorgeschichte.
- Erice Lacabe, R. (1986) – “Bronces romanos del Museo de Navarra”, *Trabajos de Arqueología Navarra*, 5. Pamplona, Gobierno de Navarra. Departamento de Cultura y Deporte, 195-235.
- Erice Lacabe, R. (2007) – “La vajilla de bronce en Hispania”. *Sautuola*, 13: 197-215.
- Fernández Ibáñez, C. (2007) – “Sistemas mecánicos y otros ingenios de seguridad: llaves y cerraduras”. *Sautuola*, XIII: 217-236.
- Feugère, M. (1981) – “Découvertes au quartier de Villeneuve, Fréjus, Var: le mobilier métallique et la parure”. *Documents d’Archéologie Méridionale*, 4: 137-168.
- Feugère, M. (2009) – “*Militaria*, objets en os et en métal”. In Goudineau, Ch.; Brentchaloof, D. (Dirs.) – *Le camp de la flotte d’Agrippa à Fréjus, les fouilles du quartier de Villeneuve (1979-1981)*. Arles, Errance: 107-177.
- França, A. (1969) – “Anéis, braceletes e brincos de Conimbriga”. *Conimbriga*, VIII: 17-68.
- França, A. (1971) – “Objectos de toilette de Conímbriga”. *Conimbriga*, X: 5-24.
- Franco Arias, I. (1985) – “Útiles óseos romanos de Osuna (Sevilla)”. *Habis*, 16: 516-524.
- García Mac Gaw, C. (2010) – “La economía esclavista romana. Reflexiones sobre conceptos y cuestiones de números en la historiografía del esclavismo”. In Fornis Vaquero, C.; Gállego, J.; López Barja de Quiroga, P. (Coords.) – *Dialéctica histórica y compromiso social. Homenaje a Domingo Plácido*. Vol. 2. Zaragoza, Pórtico: 631-646.
- García Vargas, E. (2006) – “Pesca y salazones en la Bética altoimperial”. *Historia de la pesca en el ámbito del estrecho* (Cádiz, 2004). Cádiz, Junta de Andalucía: 531-576.
- Gellner, E. (1986) – “Patronos y clientes”. In Gellner, E.; Silverman, E.S.; Scott, J. (Eds.) – *Patronos y clientes en las sociedades mediterráneas*. Gijón, Jucar Universidad: 9-16.
- Goette, H. (2013) – “Die römische ‘Staatstracht’-toga, tunica und calcei”. In Tellenbach, M.; Schulz, R.; Wieczorek, A. – *Die Macht der Toga. Dresscode im Römischen Weltreich*. Mannheim, Schnell-Steiner: 39-52.
- Graells I Fabregat, R.; Lorrio Alvarado, A. y Camacho Rodríguez, P. (2018) – La colección de objetos protohistóricos de la Península Ibérica. 1: Broches de cinturón, placas y fíbulas. Mainz: Römisch-Germanisches Museum Mainz.
- Mariné, M. (1983) – “Modas y épocas en el peinado romano”. *Revista de Arqueología*, 24: 56-65.
- Mariné, M. (2001) – “Fíbulas romanas en Hispania: La Meseta”. *Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XXIV. Madrid: CSIC.
- Medina Quintana, S. (2012) – “Ab urbe recondita: la participación de las mujeres en las ciudades de la Hispania romana”, *Atas do I Congresso Histórico Internacional As Cidades na História: População*. Volume II – Cidade Antiga / Cidade Medieval. Guimarães, Câmara Municipal: 77-96.
- Mezquiriz Irujo, M^a (2009) – “Producción artesanal romana: objetos de hueso encontrados en yacimientos navarros”. *Trabajos de Arqueología Navarra*, 21: 161-198.

Monteagudo García, L. (2000) – *La cirugía en el Imperio Romano*. *Anuario Brigantino*, 23. Betanzos: Ayuntamiento de Betanzos, 85-150.

Moreno Paramo, A., Abad Casal, L. (1971) – “Aportaciones al estudio de la pesca en la Antigüedad”. *Habis*, 2: 209-222.

Nogales Basarrate, T. (2017) – “Moda romana: símbolo de estatus y actividad vital en una sociedad multicultural”. *Vínculos de Historia*, 6: 40-70.

Peña Olivas, J. (2017) – “Ordenación interior de los puertos romanos”. *Ingeniería Civil*, 185: 43-57.

Pereira, C. (2018) – *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. O Arqueólogo Português, Suplemento 9. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia / Imprensa Nacional.

Pereira, T. (2018) – O papel do exército no processo de romanização: a Cabeça de Vaia Monte (Monforte) como caso de estudo. Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/37914?locale=en>

Ponte, S. (1978) – “Instrumentos de fição, tecelagem e costura de Conímbriga”. *Conímbriga*, XVII: 133-151.

Ponte, S. (1979) – “Balanças e pesos de Conímbriga”. *Conímbriga*, XVIII: 121-132.

Ponte, S. da (2006) – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra: Caleidoscópio.

Riha, E. (1986) – *Römisches Toiletgerät und medizinische instrumente aus Augst und Kaiseraugst*. Forschungen in Augst 6. Augst: Römermuseum.

Riha, E. (1990) – *Der romische Schmuck aus Augst und Kaiseraugst*. Forschungen in Augst 10. Augst: Römermuseum.

Rodríguez Peinado, L. (2018) – “La vestimenta romana en sus materias primas”. *Centro Superior de Diseño de Moda de Madrid*, IV: 7-18.

Rubiera Cancelas, C. (2012) – “Eslavitud femenina en la Roma antigua. Entre la reproducción biológica y la maternidad”. *Dialogues d'Histoire Ancienne*, 41(2): 151-170.

Saavedra-Guerrero, D. (2000) – “Virtus y Status en la sociedad romana imperial”. *Studia Histórica, Historia Antigua*, 18: 225-242.

Sebesta, J. L. (2005) – “The toga praetexta of Roman Children and Praetextate Garments”. In Cleland, L.; Harlow, M.; Llewellyn-Jones, L. (Eds.) – *The Clothed Body in the Ancient World*. Oxford, Oxbow Books: 113-120.

Tassinari, S. (1993) – *Il vasellame bronzeo di Pompei*. Roma: L'Erma di Bretschneider.

Walters, H. (1899) – *Catalogue of the bronzes Greek, Roman, and Etruscan, in the Department of Greek and Roman Antiquities, British Museum*. London: Order of the Trustees.



Reconstituição do interior de *cubiculum* (quarto privado) de uma *domus* romana, onde uma escrava auxilia a sua proprietária nas tarefas quotidianas relacionadas com a aparência desta.

K445

Fíbula

Liga de Cobre

Época Romana

4,85 x 4,7 x 0,5cm 12gr

Depósito de dragados de Portimão

Emanuel Soares

Fíbula de cobre/bronze em Omega, circular e de secção também circular. Está composta por duas peças: o anel circular irregular, aberto, com os extremos voltados para fora; e a agulha com orifício onde desliza no aro da fíbula. Os remates deste tipo de fíbula podem estar decorados, mas neste caso ostentam apenas uma forma estilizada aparentada com figuras zoomórficas.

Embora não seja ainda consensual qual a origem desta fíbula, tem-se aceitado que possam evoluir a partir das anulares hispânicas, motivo pelo qual são particularmente abundantes durante o período Romano-Republicano, mantendo-se em uso após a viragem da Era.

Machado, A.; Sousa, J. (2005) – “Projecto IPSIIS”. *Xelb*, 5, Câmara Municipal de Silves, 238, fig. 17.

**K450**

Fivela

Liga de cobre

Época Romana

3,7 x 3,9 x 2,8cm 31gr

Local desconhecido

Frank Reinhardt

Fivela de liga de cobre, fundida em molde. Apresenta aro ovalado, de secção circular. O fuzilhão articula-se através de um gancho curvo, encaixado no eixo da charneira. A base é de configuração escutiforme. Data do último quartel do século V a final do VI/início do VII.

Machado, A.; Sousa, J. (2005) – “Projecto IPSIIS”. *Xelb*, 5, Câmara Municipal de Silves, 238, fig. 21.

**K437**

Fíbula

Liga de Cobre

Época Romana (Séc. II-I a.C.)

10,1 x 2,9 x 2cm 20gr

Praia Grande (Lagoa)

Frank Reinhardt

Fíbula fabricada a partir de uma única peça, com a haste do fuzilhão de secção circular, terminando em ponta. A mola decorre do fuzilhão, sendo bilateral e simétrica, com corda em laço exterior ao arco, contendo quatro voltas/espíras. O arco é filiforme, de perfil semicircular e possui secção circular. Tem espessamento na zona central e duas ténues incisões laterais. Apresenta o descanso lateral de feição triangular, que se encontra fraturado, não se tendo conservado o apêndice caudal e a união deste ao arco. Enquadra-se no grupo denominado pseudo La Tène II (Ponte 34 e 36, Ponte, 2006: 306-316, 454-455; Erice Lacabe 3.1/2, Erice Lacabe, 1995: 36-43), correspondente com o grupo V de E. Cabré e J. Morán (1979) ou fíbulas com Esquema clássico de La Tène Médio. C. González Zamora denomina-as de tipo La Tène II de pé voltado fixado ao arco (tipo I, 1994: 330-331) e A. Lorrio, M^a Sánchez e P. Camacho classificam-nas como fíbulas de Esquema La Tène II, de uma única peça, com pé fixado ao arco mediante abraçadeira (2013: 327).

Arruda, A.M.; Pereira, C.; Sousa, E.; Varandas, D. (2020) – “Artefactos metálicos do Monte Molião (Lagos, Portugal): os elementos de indumentária de época romana”. *Saguntum*, 52, 117-133.

Cabré, M.^a E.; Morán, J. A. (1979) – “Ensayo tipológico de las fíbulas con esquema de La Tène en la Meseta hispánica”. *Boletín de la Asociación española de Amigos de la Arqueología*, 11-12, 10-26.

Erice Lacabe, R. (1995) – Las Fíbulas del Nordeste de la Península Ibérica: siglos I a.E. al IV d.E., Zaragoza.

González Zamora, C. (1999) – *Fíbulas en la Carpetania*.

Zaragoza-Madrid, Industrias Gráficas La Comercial.

Lorrio Alvarado, A. Sánchez de Prado M.^a D.; Camacho

Rodríguez, P. (2013) – “Las fíbulas del oppidum celtibérico de Contrebia Carbica”. *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums Mainz*, 60: 297-354.

Machado, A.; Sousa, J. (2005) – “Projecto IPSIIS”. *Xelb*, 5, Câmara Municipal de Silves, 238, fig.16.

Ponte, M. S. (2006): – *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra.



K434

Alfinete

Liga de cobre

Época Romana

12,2 x 0,65cm 5gr

Local desconhecido

Frank Reinhardt

Alfinete de cabelo de secção circular e cabeça cónica.

Este tipo de alfinete em concreto é bastante difícil de datar, uma vez que parece ser abundante desde meados do primeiro milénio a.C. até ao século V d.C.



K464

Alfinete

Liga de cobre

Época Romana

6,75 x 0,5cm 3gr

Local desconhecido

José de Sousa

Alfinete de cabelo de secção retangular e cabeça

paralelepípedica. O extremo distal está decorado com o que parece ser um busto antropomórfico estilizado, separado do corpo do alfinete por molduras.



K435

Anel

Ouro

Época Romana

Ø2,2 x 0,6cm 3gr

Praia Grande (Lagoa)

Frank Reinhardt

Anel circular de ouro, de secção em forma de D. A parte inferior é mais fina, engrossando consoante se aproxima da parte superior. O topo do anel ganha a forma de uma mesa ovalada espessa e lisa.

Machado, A.; Sousa, J. (2005) – “Projecto IPSIIS”. *Xelb*, 5, Câmara Municipal de Silves, 238, fig. 20.



K440

Anel

Prata

Época Romana

Ø2,7 x 1,15cm 5gr

Depósito de dragados de Portimão

Frank Reinhardt

Anel de cobre/bronze, de secção ovalada que vai engrossando mediante se aproxima da mesa pelas extremidades. Tem mesa ovalada plana destacada em relação ao aro. Embora os anéis de mesa ovalada não pareçam ser muito frequentes antes da viragem da Era, é arriscado sugerir uma datação concreta para este exemplar.

Machado, A.; Sousa, J. (2005) – “Projecto IPSIIS”. *Xelb*, 5, Câmara Municipal de Silves, 238, fig. 19.



K438

Anel com sinete

Liga de Cobre

Época Romana

Ø2 x 0,9cm 2gr

Praia da Angrinha (Lagoa)

Frank Reinhardt

Anel de cobre/bronze, de secção ovalada, com mesa oval plana destacada em relação ao aro, portando uma inscrição simples. Embora os anéis de mesa ovalada não pareçam ser muito frequentes antes da viragem da Era, é arriscado sugerir uma datação concreta para este exemplar.



K439

Anel com chave

Liga de Cobre

Época Romana

Ø2,1 x 1,5cm 3gr

Praia dos Careanos (Portimão)

Eurico Cardoso

Anel-chave de cobre/bronze, de secção em fita e mesa em forma de chave com dois dentes. Estas chaves de rotação correspondiam a elementos pessoais, transportados pelos proprietários, destinados a assegurar a salvaguarda de bens que eram depositados em caixas e/ou pequenos baús.

Terão surgido durante o século I, intensificando-se a sua utilização até ao século III d.C. Paralelos podem ser encontrados nas necrópoles de Carmona, Ampurias, Segóbriga ou Córdoba.

Machado, A.; Sousa, J. (2005) – “Projecto IPSIIS”. *Xelb*, 5, Câmara Municipal de Silves, 238, fig. 18.

**Y835**

Painel frontal de cadeado

Liga de cobre

Época Romana

3,5 x 3,2 x 0,1cm 4,47gr

Depósito de dragados de Ferragudo (Lagoa)

Frank Reinhardt

Painel frontal de cadeado, lobulado, que conserva o orifício de inserção da chave e os de fixação aos restantes elementos do cadeado. Está decorado com círculos concêntricos a ambos lados.

Integraria seguramente um cadeado cilíndrico fechado, em tambor, no interior do qual estaria o mecanismo. Na parte oposta ao do orifício da chave teria uma haste articulada que permitia o fecho de eventuais cofres, caixas ou pequenos baús. O facto de estarmos perante um sistema de rotação obriga a considerar que este elemento seja mais tardio, eventualmente da Antiguidade Tardia.

**F863**

Colher de cosmética/farmácia

Liga de cobre

Época Romana

>11,6 x 0,9 x 0,4cm 6gr

Praia do Branquinho (Lagoa)

Frank Reinhardt

Colher (*ligula*) médico-cirúrgica ou de farmacêutico (*specillum*), de liga de cobre, composta por um cabo de secção circular, com uma colher côncava em forma de folha de oliveira numa extremidade e de terminação romba na outra. Sensivelmente a meio do cabo tem um espessamento decorado.

A colher alargada teria como principal função explorar e limpar feridas profundas e verter balsamos. Eram também úteis no serviço farmacêutico, embora alguns investigadores proponham que na farmácia eram utilizadas especialmente as colheres circulares. Uma cronologia que abarque os séculos I e II parece ser a mais consensual, apoiada nos paralelos de Conimbriga.

**Y855**

Espelho

Liga de cobre

Época Romana

5 x 4,3 x 0,2cm 10gr

Depósito de dragados de Ferragudo (Lagoa)

Frank Reinhardt

Fragmento de espelho circular decorado com círculos em uma das faces e com orifícios em redor. Trata-se de elementos de uso pessoal, geralmente de dimensões reduzidas, permitindo uma comoda portabilidade, ainda que tenhamos conhecimento de alguns exemplares de grandes dimensões. Frequentemente assumiam formas circulares, sendo os mais comuns, de evidente tradição etrusca.



Y780

Asa de jarro

Liga de cobre

Época Romana

17 x 8,3 x 8,2cm 170gr

Praia dos Careanos (Portimão)

Helmut Kerstin

Asa de perfil em S, com a extremidade inferior decorada com uma folha cordiforme. No topo da asa, entre as braçadeiras, ostenta o apoio para o polegar. Este elemento pertenceu seguramente a um jarro, ainda que seja difícil determinar a que tipo em concreto. Atendendo ao detalhe e forma do apoio do polegar e ao perfil da folha é possível que tenha sido aplicado em jarros de tipo Gallarate ou Kjaerumgaard, ainda que neste caso a folha fosse mais elaborada. Ambos tipos foram utilizados no século I a.C., registando-se o tipo Kjaerumgaard apenas a partir de segundo quartel dessa centúria.



Y857

Armela de asa de sítula

Liga de cobre

Época Romana

6,7 x 4,4 x 1,4cm 121gr

Depósito de dragados de Portimão

José Costa

Armela figurativa de asa de sítula de espelho convexo, quadrangular, de vértices arredondados. Ostenta um rosto estilizado, olhos circulares e nariz longo e saliente, boca ovalada parecendo estar a sorrir. Barba radiada, recortada por sulcos, em redor de toda a parte inferior do rosto. Anel de suspensão com olhal circular, sendo evidente o desgaste do uso, no qual se articulava a asa.



Y737

Bacia

Liga de cobre

Época Romana

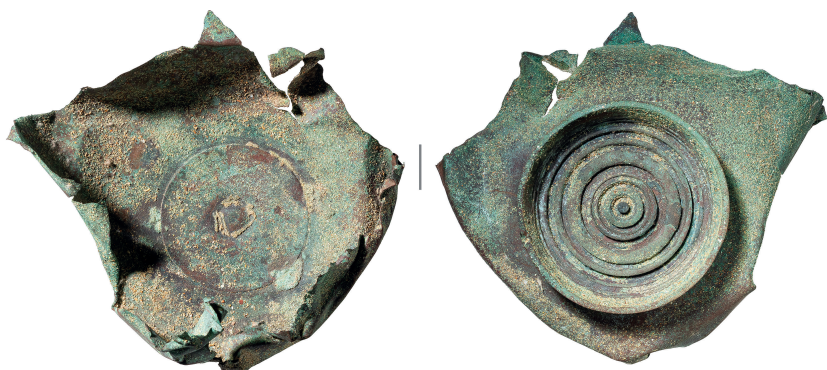
>26,7 x 24 x 11,9 x Ø13,4cm 1384gr

Praia Grande (Lagoa)

Frank Reinhardt

Parte inferior de recipiente de cobre/bronze, bastante deformada, na qual se conserva ainda a base moldurada, fabricada em molde. Na parte interior do recipiente é possível observar os pontos de solda das duas peças. Este tipo de base foi aplicado em diversos recipientes, podendo-se encontrar em páteras de tipo Eggers 150 (Erice Lacabe, 1986: 202), correspondente com os tipos Boesterd 36 e Tassinari Tipo I1000 ou 1200, datadas entre 50 e 150 d.C. (Eggers, 1951) ou bacias de tipo Boesterd 172 ou 185, correspondente com o tipo Tassinari S3110 (Tassinari, 1993), datadas geralmente entre 50 e 250 d.C.

Com independência do tipo a que pertenceu esta base, trata-se de recipientes relacionáveis com a higiene pessoal, que podiam ser utilizados em variados contextos domésticos ou públicos. A sua utilização nas embarcações também não deve ser excluída, utilizado sobretudo pelos oficiais.



Y769

Pé de sítula

Liga de cobre

Época Romana

8,25 x 2,35 x 1,1cm 110gr

Praia da Bota (Portimão)

Emanuel Soares

Pé/suporte de sítula ou outro tipo de contentor metálico.

Trata-se de um elemento plano, desgastado de um dos lados, justamente o que se apoiava no solo, semicircular do lado exterior e recortado em ângulos no lado interior. Os suportes de recipientes brônzeos são sempre muito variados e, geralmente, estavam soldados aos contentores, como é o caso. Um exemplar idêntico foi reconhecido em *Balsa*, também no Algarve.

**Y777**

Pé de sítula

Liga de cobre

Época Romana

3,5 x 2,5cm 27gr

Praia de Alvor (Portimão)

Dieter Hoehlnle

Pé/suporte de sítula ou outro tipo de contentor metálico.

Trata-se de um elemento em forma de concha de bivalve, desgastado no topo, justamente a parte que se apoiava no solo, obtido por molde. Os suportes de recipientes brônzeos são sempre muito variados e, geralmente, estavam soldados aos contentores, como é o caso. Este tipo concreto pode ter sido aplicado quer em sítulas quer em *patinae* de pega horizontal.

**Y810**

Pé de sítula

Liga de cobre

Época Romana

8,4 x 2,3 x 1,1cm 115gr

Depósito de dragados de Portimão

Vidaúl Martins

Pé/suporte de sítula ou outro tipo de contentor metálico.

Trata-se de um elemento plano, desgastado de um dos lados, justamente o que se apoiava no solo, semicircular do lado exterior e recortado em forma de lóbulos simétricos no lado interior. Os suportes de recipientes brônzeos são sempre muito variados e, geralmente, estavam soldados aos contentores, como é o caso.

